

A NATUREZA HETEROGÊNEA DO DISCURSO NA A.D.: ANÁLISE DA CANÇÃO “ANUNCIAÇÃO” DE ALCEU VALENÇA.

Alessandra Costa

RESUMO: Devido à complexa natureza de seu objeto teórico e à particular formação do seu quadro epistemológico cujos fundamentos estão relacionados com a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise, a Análise do Discurso francesa (doravante A.D.) é uma disciplina de natureza aberta, pois é explorando as contradições presentes nos seus discursos que a AD reconfigura seu estatuto teórico e seus procedimentos de análise. Coerentes com essa orientação, nosso projeto As interfaces da Análise do Discurso no quadro das ciências humanas busca mapear os quadros teóricos das áreas vizinhas para discernir as suas especificidades com relação à AD. Nesse sentido, as primeiras indagações foram direcionadas para a Psicanálise e para a Educação, resultando em interessantes percursos através da noção de sujeito. Dando sequência, decidimos examinar as possibilidades de estabelecer uma relação com a Teoria Literária. Assim, depois de algumas incursões teóricas, a via de acesso escolhida relaciona dois conceitos que foram afetados pelas reflexões teóricas de Mikhail Bakhtin: a heterogeneidade discursiva da AD e a intertextualidade. Em primeiro lugar, faremos breves referências às proposições de Bakhtin, pois a sua presença foi importante para empreender este trabalho. Na sequência, apresentaremos as etapas que consideramos mais significativas na elaboração do conceito de heterogeneidade discursiva para, em seguida, fazer o mesmo com relação à intertextualidade. Finalmente, analisaremos uma música com o propósito de exemplificar o funcionamento da heterogeneidade no discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, heterogeneidade, intertextualidade.

ABSTRACT: *Due to the complex nature of its object and theoretical training of their particular epistemological framework whose fundamentals are related to Linguistics, Historical Materialism and Psychoanalysis, French Discourse Analysis (henceforth AD) is a discipline of open nature, it is exploring the contradictions in his speeches that AD reconfigure their status and their theoretical analysis procedures. Consistent with this approach, our design interfaces of discourse analysis in the context of humanities quest to map the theoretical frameworks of the surrounding areas to discern their specific with respect to AD. In this sense, the first inquiries were directed to Psychoanalysis and Education, resulting in interesting routes through the notion of sujeito. Dando result, we decided to examine the possibilities of establishing a relationship with the literary theory. So, after some theoretical incursions, the access route chosen relates two concepts that were affected by the theoretical reflections of Mikhail Bakhtin: the heterogeneity of AD and discursive intertextuality. Firstly, we will brief references to Bakhtin's propositions, as their presence was important to undertake this work. Subsequently, we present the steps that we consider most significant in developing the concept of discursive heterogeneity to then do the same with regard to intertextuality. Finally, we analyze a song in order to illustrate the functioning of the heterogeneity in the speech.*

KEYWORDS: *Speech, heterogeneity, intertextuality*

1. A heterogeneidade discursiva.

Em *Análise automática do discurso* (1969) - obra fundadora da disciplina - Michel Pêcheux se ocupa da definição de vários conceitos fundamentais para o quadro teórico da *Análise do discurso* (doravante AD), porém ainda não desenvolve nenhuma reflexão específica a respeito da natureza heterogênea do discurso. Até mesmo nos procedimentos analíticos não se concebia a possibilidade de que um discurso relacionado com uma determinada formação discursiva (FD) pudesse estar atravessado por outros discursos. Em consequência, considerava-se o discurso homogêneo, identificado plenamente com a ideologia na qual se inscrevia a sua FD.

Estudos subseqüentes apontam algumas incoerências na articulação entre discurso, formação discursiva (FD) e uma ideologia marcada pela presença de forças contrárias, criando controvérsias a respeito da rigidez dos limites de uma FD e questionando a convicção de um espaço discursivo homogêneo. Todavia, é só a partir de *Semântica e Discurso* (Pêcheux, 1975) - uma revisão de certos elementos do quadro teórico da *Análise do Discurso de Linha Francesa* - que a contradição inscrita na ideologia começa a ser evidenciada no interior de uma Formação Discursiva, o que provoca a sua reformulação e os primeiros esboços da noção de heterogeneidade do discurso.

Em Pêcheux, a FD está, pelo menos em seu início, intimamente relacionada à noção de formação ideológica, decorrente da leitura que ele fez da obra “*Aparelhos Ideológicos do Estado*”, de L. Althusser, o que, por conseguinte, explica o seu estreito laço com o marxismo. Assim Pêcheux expõe sua idéia:

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina "o que pode e o que deve ser dito" (articulado sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (1997, p. 160).

Pêcheux prossegue com essas reflexões, no qual comprova que no interior de uma FD coexistem discursos provenientes de outras formações discursivas. Ele conclui, então, que o discurso não constitui um bloco homogêneo, idêntico a si mesmo, pois reproduz a divisão e a contradição presentes na FD da qual procede. Desta maneira, a formação discursiva passa a ser caracterizada pela heterogeneidade, o que determina, conseqüentemente, a natureza heterogênea do discurso.

Authier-Revuz, em sua obra *Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso* – publicada em 1982- confere “à noção de heterogeneidade discursiva maior definição, tendo como base a problemática do discurso como produto do interdiscurso, a teoria do sujeito constituída pela psicanálise e o dialogismo e a política de Bakhtin.

Segundo a autora citada acima, o princípio da heterogeneidade parte da premissa de que a própria linguagem é heterogênea em sua constituição; e, como a materialidade do discurso é de natureza linguística, é lógico considerá-lo também heterogêneo. Porém, falar em heterogeneidade se reduz, praticamente, ao reconhecimento das outras vozes que permeiam o discurso na AD, conforme a polifonia de Bakhtin.

Por isso, considerando que a base dos processos discursivos é a linguagem, pois ela é mediação entre o sujeito e o seu entorno, podemos concluir que um espaço social caracterizado pela permanente disputa de forças antagônicas deixa, irremediavelmente, marcas tanto na linguagem quanto no sujeito. Nesse sentido, a AD concebe a linguagem como um lugar de conflito e opacidade que, com a conjunção da história, constitui, por sua vez, um sujeito descentrado, dividido, incompleto.

E é esse sujeito cindido que se desloca para além dos limites da sua FD na busca de completude e afirmação da sua identidade, assim como nos mostra Courtine em *Analyse du discours politique* (1981). Nesta obra, além de dar novos contornos à noção de FD que passa a ser compreendida como "matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode e deve dizer e, também, o que não pode e não deve ser dito" ele demonstra que são as fronteiras fundamentalmente instáveis das FD que permitem seus constantes deslocamentos e reconfigurações. Desta forma, Courtine torna evidente o processo que determina a natureza heterogênea do discurso.

Para verificar o funcionamento da noção na prática analítica, Authier distingue duas formas de heterogeneidade: constitutiva e mostrada.

A heterogeneidade mostrada corresponde à presença localizável de um discurso outro no fio d discurso. Distingue-se as formas não-marcadas (constitutiva) dessa heterogeneidade e suas formas marcadas (mostrada). O co-

enunciado identifica as formas não-marcadas combinando em proporções variáveis à seleção de índices textuais ou para-textuais diversos e a ativação de sua cultura pessoal. As formas marcadas, ao contrário, são assinaladas de maneira unívoca; pode tratar-se de discurso direto ou indireto, de aspas, etc. (COURTINE, 1981, P. 54)

A heterogeneidade constitutiva dar-se-á quando o discurso é dominado pelo interdiscurso, ou seja, uma articulação de formações discursivas que se referem a formações ideológicas antagônicas.

Com a noção de heterogeneidade discursiva, a AD não só desfaz a idéia de um discurso homogêneo como também desestabiliza os conceitos de unidade do sujeito e unidade do texto dos estudos tradicionais da linguagem. Como o sujeito e o discurso já são heterogêneos na sua constituição, a ilusão de unidade tanto no sujeito quanto no texto não passam de efeitos ideológicos.

A segunda tendência tem relação com a lingüística, cujo forte advento atingiu também os estudos literários, que não conseguiram se pôr neutro à sua irradiação teórica, ainda mais considerando que a especificidade do literário tem a ver com a linguagem. Nesse sentido, são as correntes formalistas as que levam até às últimas consequências a análise estrutural da linguagem aplicada à literatura. Esta centra-se na consideração dos fatos de linguagem observáveis no texto e, em geral, despreza a dimensão sócio-histórica da produção literária.

Em consequência, a ideia de homogeneidade que emana dos conceitos de texto e sujeito da lingüística estrutural se reflete também nos estudos literários. Procura-se, até certo ponto, vislumbrar na estrutura da obra certos procedimentos homogêneos de composição, bem como marcas de um único sujeito-autor concebido como o criador. Já quando se trata de verificar as fontes de um determinado texto, costuma-se analisar a influência predominante de um autor na obra do outro, ou seja, não se leva em conta ainda a multiplicidade de fontes, nem se trabalha com a idéia de constituição heterogênea da obra literária. É o que pode ser constatado, por exemplo, na obra de Harold Bloom, *A angústia da influência* (1973), na qual ele se refere a uma relação basicamente bilateral e cheia de conflitos entre poetas de grande representação no meio literário

Essas tendências começam a ser revisadas a partir da teoria da intertextualidade de Julia Kristeva (1969), instaurada com base no dialogismo e na polifonia de Mikhail Bakhtin. Um de seus princípios é o de considerar a obra literária como uma estrutura em aberto, o que permite

estudar com maior profundidade as complexas relações que se estabelecem entre os textos e rever algumas concepções como a da homogeneidade vinculada ao texto e ao autor.

Visto que a literatura constitui um discurso e, por isso, passível de tornar-se objeto de estudo da AD - a teoria da intertextualidade marca o início da desconstrução da idéia de um discurso literário homogêneo. Representa o reconhecimento da heterogeneidade como condição essencial da produção literária, pois como afirma Kristeva todo texto se constrói como mosaico de citações e todo texto é absorção e transformação de um outro texto.

2. Análise

Tendo em vista toda a reflexão anterior sobre a noção de heterogeneidade discursiva, pensamos que a análise de um texto sob a perspectiva da AD seria o caminho adequado para verificar a natureza heterogênea do discurso literário. Com este objetivo, escolhemos a música Anunciação do cantor e compositor Alceu Valença.

ANUNCIACÃO

*“Na bruma leve das paixões
Que vêm de dentro
Tu vens chegando
Prá brincar no meu quintal
No teu cavalo
Peito nu, cabelo ao vento
E o sol quarando
Nossas roupas no varal...
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais...
A voz do anjo
Sussurrou no meu ouvido
Eu não duvido
Já escuto os teus sinais
Que tu virias
Numa manhã de domingo
Eu te anuncio
Nos sinos das catedrais...
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais...”*

Este texto chamou a nossa atenção, principalmente, pela sua densidade semântica, que é percebida na sua própria construção, uma vez que o sujeito-autor organiza seu discurso conjugando saberes das mais diversas procedências. Por ser um poema, podemos identificar o espaço a partir do qual o sujeito constrói seu dizer como formação discursiva literária.

Assim, partindo da FD literária, o sujeito-autor recorre ao interdiscurso e se apropria dos saberes de outras FD para complementar e/ou reforçar o seu discurso. Contudo, observamos que uma se destaca ao longo do processo discursivo. Ela é, de maneira mais evidente, uma rede de sentidos através da mobilização de termos e enunciados identificados com os seus domínios, às quais denominaremos FD religiosa.

Além desse enunciado que consideramos o mais representativo da FD religiosa, é possível associar à mesma FD alguns termos que o sujeito incorpora ao seu discurso na medida em que descreve o episódio narrado nos Evangelhos, em Lucas (1,26-38): “O Anjo do Senhor anunciou a Maria. Disse Maria ao Anjo: “Como se fará isto se não conheço varão?” O Anjo respondeu: “O Espírito Santo virá sobre ti, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, e por isso o Santo gerado de ti será chamado Filho de Deus”. Disse Maria: “Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra..”

É o caso de “A voz do anjo sussurrou no meu ouvido”, “Tu vens, tu vens eu já escuto os teus sinais...” que, relacionados às reiteradas imagens do nascimento de Jesus, refere-se usualmente ao evento em que o anjo anunciou a Maria que estava grávida do filho de Deus.

Destacamos também o trecho: “Que tu virias/Numa manhã de domingo” e “Eu te anuncio/Nos sinos das catedrais...” que, respectivamente, fazem referência a manhã de domingo, dia em que Jesus, o Filho de Deus, ressuscitou após sua crucificação, ocorrida na sexta-feira e o anúncio de sua ressurreição alardeado ao mundo por seus fiéis, relatados nos capítulos Lucas capítulo 24, Mateus capítulo 28, Marcos capítulo 16, João capítulo 20, das Escrituras Sagradas.

É exatamente esse processo que permite a confirmação da heterogeneidade na formação discursiva, como o demonstrou Courtine, pois é o sujeito dividido, incompleto que, na busca de identidade, provoca os deslocamentos da sua FD em contato com o discurso outro. Em última instância, é o sujeito que intervém, de maneira decisiva, para tornar movediças as fronteiras das FD no desejo de sustentar seu dizer e constituir-se sujeito-autor do seu discurso.

As formações discursivas identificadas na música de Alceu Valença e comentadas nesta análise foram suficientes para apontar a natureza heterogênea do discurso literário.

Enfim, considerando que a AD não trabalha em termos quantitativos e sim realizando recortes, depois dos resultados deste trabalho, pensamos que ela pode constituir-se numa outra forma de aproximação do literário, num outro olhar sobre a literatura, pois investigar e tornar

explícitos os outros discursos presentes no texto literário, e não apenas aqueles relacionados com a literatura, é um desafio cujos resultados permitirão uma maior exposição do leitor à opacidade do texto.

3. Referências Bibliográficas.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Lisboa: Presença; Martins Fontes, 1974 [título original 1970].

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours**. DRLAV- Revue de linguistique, Paris: Centre de recherche de l'Université de Paris VIII, n. 26, 1982.

_____. **Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)**. **Cadernos de Estudos Linguísticos** número, Campinas, SP, n. 19, jul./dez. 1990.

BAKHTIN, M.; (VOLOSHINOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

MAINGUENEAU, D. **Genèses du discours**. Liège; Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984.

_____. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp;Pontes, 1989.

MUSSALIM, Fernanda. **Análise do Discurso**. In: BENTES, Anna Cristina;

MUSSALIM, Fernanda (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo: Editora Cortez, 2001. p. 102-142.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Les vérités de la palice**. Paris. Mespéro, 1975. [trad.bras.]: Semântica e discurso. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988].

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995

PÊCHEUX, Michel. **Remontémons de Spinoza a Foucault**. In: TOLEDO, M. Monforte (Org.). **El discurso político**. México: Nueva Imagen, 1980.